

Fatores pessoais e de ambientes educacionais que se associam à expressão criativa¹

Eunice M. L. Soriano de Alencar
Universidade Católica de Brasília

Resumo

No artigo, são descritas características pessoais – como traços de personalidade, motivação intrínseca, habilidades cognitivas, *expertise* e habilidades interpessoais, que ajudam a explicar por que algumas pessoas apresentam uma expressiva produção criativa e outras não, mesmo quando as condições ambientais são favoráveis. São também apresentados fatores do ambiente educacional que têm influência na expressão criativa, sinalizando críticas feitas à escola por não alimentar a criatividade, embora se observe um reconhecimento crescente da necessidade de se contemplar o desenvolvimento da capacidade de criar. São ainda apontadas estratégias que favorecem e promovem o desenvolvimento do potencial criador a serem implementadas pelo professor.

Palavras-chave: criatividade, potencial criador, ambientes educacionais, personalidade criativa.

Personal and educational environment factors associated to the creative expression

Abstract

This article describes personal characteristics, such as personality traits, intrinsic motivation, cognitive abilities, expertise and interpersonal skills, which help to explain why some people present an expressive creative production while others do not, even when the environmental conditions are favorable. Factors from the educational environment which have an influence on the creative expression are also described, highlighting criticisms that have been done to the school environment for not nurturing creativity, although an increasing recognition of the necessity to contemplate the development of the creative capacity is observed. The article also presents strategies that favor and promote the development of the creative potential in the classroom.

Key words: creativity, creative potential, educational environment, creative personality.

Criatividade é um tema que vem recebendo uma atenção crescente por parte de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento. Atributos de profissionais que vêm se destacando por sua produção

criativa, fatores que favorecem a expressão da criatividade, processos envolvidos no desenvolvimento da capacidade de criar, são aspectos alvos de grande número de estudos. Nota-se, ainda, que elementos

1. Trabalho apresentado no Simpósio *Criatividade e expertise: Fatores facilitadores ao seu desenvolvimento*, XXXI Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia, Rio de Janeiro – RJ, outubro de 2001.

Endereço para correspondência: Programa de Mestrado em Educação – Universidade Católica de Brasília – SGAN 916, Módulo B, Asa Norte, CEP: 79790-160, Brasília – DF, tel: 61-2485539 (residência) e 3405550 Ramal 105 (trabalho), e-mail: ealencar@pos.ucb.br

relacionados à criatividade estão entre os requisitos desejáveis no profissional para atuar em campos diversos.

No presente artigo, serão focalizadas especialmente condições de ambientes educacionais com influência no florescimento da criatividade. Este é um tópico discutido e pesquisado por autores de distintos países, como Necka (1994), da Polônia, Craft (1998), da Inglaterra, Copley (1997), da Alemanha, Alencar (1994, 1995a, 2000, 2001, 2002), Fleith (1994, 2001, 2002) e Virgolim (1994), do Brasil, Martínez (1995), de Cuba, Tolliver (1985), do Canadá, Toren (1993), da Holanda, Cohen (1997), referindo-se à educação de Singapura, Furman (1998), da República Eslovaca, Amabile (1983, 1990), Renzulli (1992), Torrance (1987, 1992, 1995), Sternberg (1991), dentre muitos outros, dos Estados Unidos.

Antes de apresentar distintas contribuições de autores que discorrem sobre ambientes educacionais e sua influência na criatividade, é relevante lembrar a complexidade do fenômeno da criatividade, para cuja expressão contribuem tanto características do indivíduo – como disposição motivacional, atitudes e atributos de personalidade, quanto fatores do ambiente sociocultural e eventos e tendências de natureza histórica. É notório que, em contribuições teóricas recentes, as diversas interações entre atributos do indivíduo e elementos do ambiente têm sido muito ressaltadas. Sternberg e Lubart (1995, 1996), por exemplo, consideram o comportamento criativo como resultado da convergência de seis fatores distintos e interrelacionados, apontados como recursos necessários para a expressão criativa, que seriam: inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade, motivação e contexto ambiental. Ressaltam como necessário um ambiente que dê apoio e reconhecimento às idéias criativas, uma vez que, mesmo que a pessoa tenha todos os recursos internos necessários para pensar criativamente, sem algum apoio do ambiente, dificilmente o potencial para criar, que a pessoa traz dentro de si, se expressará.

Lembram ainda esses autores que o ambiente que facilita a expressão criativa interage com variáveis pessoais e situacionais de forma complexa.

Também Amabile (1983, 1990) propôs um modelo componencial da criatividade, em que esta é descrita como resultado da motivação para a tarefa, habilidades relevantes do domínio e habilidades relevantes da criatividade. Ressalta Amabile que o ambiente tem uma influência marcante nos distintos componentes que seu modelo engloba, apontando diversos fatores do ambiente familiar, educacional, do local de trabalho e sociedade relevantes para propiciar melhores ou piores condições para a expressão criativa.

De forma similar, Csikszentmihalyi (1988, 1994) propôs uma teoria sistêmica que inclui forças sociais, culturais e da pessoa para explicar o fenômeno da criatividade, sublinhando fatores relevantes para sua compreensão e dando uma ênfase especial a elementos do ambiente. Neste sentido, assinala: “nós necessitamos abandonar a visão ptolomeica da criatividade, na qual a pessoa é o centro de tudo, para um modelo mais copernicano, no qual a pessoa é parte de um sistema de influências e informações mútuas” (1988, p. 316). Defende a idéia de que “é mais fácil fortalecer a criatividade mudando as condições do ambiente do que tentando fazer as pessoas pensarem de forma mais criativa” (1996, p. 1), tendo apontado vários elementos do ambiente social, que podem contribuir para a produção criativa, como recursos, reconhecimento, oportunidades de treinamento e premiações.

Fatores pessoais que se associam à expressão criativa

Embora seja inquestionável o impacto do ambiente sobre a criatividade, características pessoais como atributos de personalidade e motivação são também elementos de fundamental importância. Neste sentido, estudos realizados com pessoas de áreas diversas que se distinguiram por suas contribuições criativas apontam uma configuração de características,

as quais possivelmente ajudam a explicar por que algumas pessoas apresentam expressiva produção e outras não, mesmo quando as condições ambientais são favoráveis.

Serão descritos, no presente artigo, alguns dos atributos pessoais relacionados na literatura de criatividade. Nota-se, entretanto, que a configuração de fatores pessoais que contribuem para o processo criativo, apresentado por distintos teóricos e pesquisadores, apresenta variações entre si. Csikszentmihalyi (1999), por exemplo, considera a motivação, orientação para a descoberta, traços de personalidade – como curiosidade e entusiasmo, valores, além do pensamento divergente, como fatores individuais que contribuem para o processo criativo. Por outro lado, Sternberg e Lubart (1995, 1996), como já apontado anteriormente, incluem a inteligência, estilos intelectuais, conhecimento, personalidade e motivação como fatores que convergem para a produção criativa. Já Amabile (1983, 1990, 2001), em seu modelo componencial da criatividade, inclui uma série de elementos relacionados a habilidades de domínio (como talento, conhecimento, *expertise* e habilidades técnicas em uma área específica) e outros relacionados a processos criativos relevantes (como estilos cognitivos, domínio de estratégias que favorecem a produção de novas idéias e traços de personalidade), dando uma ênfase especial à motivação intrínseca, um dos três componentes de seu modelo de criatividade.

Dentre os distintos fatores pessoais, conforme discutido anteriormente por Alencar (1998), poder-se-ia destacar:

Um elenco de traços de personalidade: pessoas que se caracterizam pela iniciativa, independência de pensamento e ação, tolerância à ambigüidade, persistência e autoconfiança, têm mais chances de aproveitar as oportunidades para expressar e desenvolver idéias criativas. De especial relevância para a expressão da criatividade é ter disposição para correr riscos e aprender com os próprios erros. A coragem é, pois, indubitavelmente, um atributo de fundamental importância, uma vez que a criatividade

implica lidar com o desconhecido. Neste sentido, Frost (1995) considera que

“atos criativos são atos de coragem. Primeiro, porque o criador de uma inovação técnica ou social está entrando em águas desconhecidas e provavelmente receberá comentários conflitantes, sobre o valor da nova idéia. Segundo, porque o criador encontrará oposição ou hostilidade quando a idéia for apresentada e introduzida no sistema; terceiro, porque ao longo do caminho, para uma possível aceitação da idéia, o criador terá que investir uma grande energia pessoal no processo de ter a inovação aceita; quarto, porque atos criativos podem falhar e, algumas vezes, ameaçam a carreira de seus responsáveis” (p. 123).

Motivação intrínseca: pessoa internamente motivada para a tarefa, que se envolve e se dedica à mesma, impulsionada por um interesse apaixonado pelo que faz. A criatividade floresce mais facilmente quando o indivíduo realiza tarefas mobilizado mais pelo prazer e satisfação que pela obrigação e dever.

Habilidades cognitivas especiais: estas incluem tanto fluência, flexibilidade e originalidade de idéias, que caracterizam o pensamento divergente, como o raciocínio analítico e crítico.

Expertise em uma área específica: embora uma preparação sólida não seja uma garantia para a criatividade, é indubitável que uma maior bagagem de conhecimento e experiência aumenta as chances de idéias inovadoras e de valor.

Habilidades interpessoais: estas também são relevantes, uma vez que tanto o isolamento como o contato social têm seu papel durante o processo de criação. Como lembram Montuori e Purser (1995), muitos indivíduos que se destacam por sua produção criativa parecem alternar períodos de isolamento com períodos de discussão e contatos sociais. Estes autores

fazem referência a pesquisas realizadas nos Laboratórios Bell, dos Estados Unidos, mostrando que, nos diferentes estágios do processo de invenção por parte de cientistas mais inovadores, há momentos em que estes preferem trabalhar isoladamente e outros em que optam por ter contato com colegas, com quem possam falar sobre os projetos de trabalho e ouvir o que seus pares pensam sobre o problema com que estão trabalhando. É notório que a relevância da interlocução com pares foi também o aspecto mais salientado, por pesquisadores de uma universidade brasileira, como um dos principais fatores para facilitar a produção criativa em suas respectivas áreas (Alencar, Neves-Pereira, Ribeiro e Brandão, 1997).

Ressalte-se que inúmeros estudos (Alencar, 1997a; Barron, 1969; Csikszentmihalyi, 1996; MacKinnon, 1978; Wechsler, 1993) foram realizados com profissionais que vinham se destacando por suas contribuições criativas. Em um deles, Alencar, Neves-Pereira, Ribeiro e Brandão (1998) observaram que os seguintes atributos foram apontados mais freqüentemente por pesquisadores, para explicar sua produção significativa: dedicação ao trabalho, entusiasmo, iniciativa, perseverança, independência de pensamento e ação, responsabilidade e imaginação.

Especialmente uma intensa dedicação ao trabalho esteve muito evidente nas respostas destes profissionais, por ocasião das entrevistas para levantamento de dados relativos a seus atributos pessoais e outros elementos que poderiam ajudar a explicar sua elevada produção criativa, como ilustrado nas seguintes respostas:

“Eu sou madrugador. Eu tenho um processo de constante preocupação com os problemas de pesquisa que me envolvem. Já levanto meio aceso. E vou martelando em cima do tema... de uma maneira que dura dias.”

“Eu acho que, até para o processo criativo, você tem que ser ‘full time’. Tem que se dedicar exclusivamente à causa,

porque o processo criativo tem aquela transpiração de que fala o poeta maior... 90% de transpiração, 10% de inspiração. Você tem que estar à disposição desta inspiração para quando ela vier.”

“Eu acho que nesta atividade intelectual, a gente está ligado o tempo todo, mesmo que você não esteja trabalhando no ambiente, no local de trabalho, ou não esteja pensando no trabalho, você está ligado.”

“Trabalhar é uma constante, não tem realmente uma folga, inconsciente tampouco... É um processo que não tem uma estrutura bem definida. Na produção criativa, é preciso deixar as portas abertas ao pensamento, ao processo que, às vezes, procede sem o nosso controle consciente.”

O alto grau de motivação esteve também evidente em outras respostas apresentadas por estes profissionais, como na que segue:

“Eu chego aos 73 anos de idade, com o mesmo interesse, com a mesma curiosidade que tinha quando estava com 7 anos. Eu uso o microscópio com o mesmo entusiasmo. Eu tenho as mesmas esperanças.”

Traços similares aos observados por Alencar e cols. (1998) têm sido apontados por distintos autores que examinaram o perfil de pessoas que deixaram um marco de contribuições criativas, como pode ser constatado, por exemplo, em um número recente da revista *American Psychologist*, onde uma seção foi dedicada à criatividade. Contribuíram para esta seção distintos expoentes da Psicologia da Criatividade, como Amabile, Csikszentmihalyi e Martindale, convidados a escrever sobre o tema focalizando a criatividade de uma pessoa tida como um marco de produção criativa nas ciências ou artes.

Um dos autores (Martindale, 2001) examinou a trajetória de Thomas Young, considerado um dos grandes gênios da humanidade por suas contribuições

em uma variedade de disciplinas, como Psicologia, Física, Química, Filosofia e Linguística. Martindale sublinhou distintas características pessoais de Young, como seu altíssimo nível intelectual, intensa dedicação a um problema até que o mesmo fosse resolvido, ampla gama de interesses, elevado grau de autoconfiança, amor à novidade e desgosto por dogmas tradicionais, além do uso do pensamento analógico como fonte de inspiração criativa.

Dentre os inúmeros aspectos marcantes da trajetória deste cientista e filósofo, chamaram a atenção sua intensa paixão e dedicação ao trabalho. Tanto assim que, mesmo no dia de sua morte, estando Young ocupado em seu trabalho, quando um amigo o lembrou de que aquele seria provavelmente o último dia de sua vida, Young respondeu que não gostaria de que se dissesse que ele teria passado um único dia de sua vida em inatividade.

Um outro aspecto saliente é que muitas de suas idéias não foram apreciadas e devidamente reconhecidas, possivelmente por estar Young muito à frente de seu tempo. Seguramente, foi o elevado grau de autoconfiança que o possibilitou ir de encontro ao pensamento da época, mesmo tendo suas teorias e experimentos atacados, ridicularizados ou ignorados pela comunidade científica da época.

Já Amabile (2001) examinou a trajetória de John Irving, novelista norte-americano, sinalizando inúmeras evidências de intensa dedicação ao trabalho e motivação intrínseca. Analisando o curso de vida de Irving, Amabile constatou especialmente uma intensa dedicação ao processo criativo, em que fica evidente sua motivação intrínseca pela escrita, ilustrada nas seguintes palavras do novelista, ao ser questionado por trabalhar 10 horas por dia, quando já era consagrado: “o fator é o amor. A razão por que eu posso me dedicar tão intensamente ao que escrevo é porque não é trabalho para mim... é prazer para mim” (p. 335).

Linus Pauling, cientista laureado duas vezes com o Prêmio Nobel, foi o escolhido por Nakamura e Csikszentmihalyi (2001) dentre indivíduos excepcio-

nalmente criativos que participaram de um estudo conduzido por Csikszentmihalyi (1996). As inúmeras qualidades pessoais de Pauling, como uma intensa curiosidade, amor à ciência, dedicação ao trabalho, memória excepcional, capacidade de visualização, habilidade para comunicar idéias complexas, contribuíram para as realizações deste cientista. Foram também relevantes para as significativas interações com o *domínio* e o *campo*, ajudando-o a persuadir seus pares a aceitar suas idéias e reciprocamente responder de forma adequada à estimulação proveniente do campo.

Fatores do ambiente educacional que têm influência na expressão criativa

Desde os anos sessenta, inúmeros são os autores que vêm apontando a importância de variáveis do ambiente educacional para o desenvolvimento da capacidade criativa, além de assinalarem falhas do sistema educacional, que obstruem uma melhor expressão da capacidade de criar. Tanto Guilford (1967), como Rogers (1969), já naquela década, fizeram críticas à escola por não favorecer a criatividade, em função de uma ênfase exagerada na submissão, conformismo e passividade. Também Torrance (1965), um dos pioneiros na pesquisa sobre criatividade na educação, chamou a atenção para a necessidade de se ampliarem os objetivos educacionais no sentido de se contemplar também o desenvolvimento do pensamento criativo. Lembrou ainda o papel do professor, destacando que “sem professores criativos, o talento criativo não será reconhecido, desenvolvido e premiado. Recrutar e encorajar professores criativos é uma responsabilidade dos administradores da escola” (Torrance, 1995, p. 13).

Embora um reconhecimento crescente da importância da criatividade tenha sido observado ao longo das últimas décadas, críticas à escola, por não promover de forma adequada o desenvolvimento da capacidade de criar, continuam a ser feitas por estudiosos de países diversos. Furman (1998), da

República Eslovaca, assinalou, por exemplo: “Professores e pesquisadores têm criticado a educação da República Eslovaca pela falta de liberdade e criatividade na situação de ensino e aprendizagem em sala de aula” (p. 258). Toren (1993), na Holanda, apontou a urgência de se transformar a educação, descrevendo um programa, em nível universitário, nesta direção. Este autor constatou a colisão entre duas culturas de aprendizagem quando se introduziu um programa centrado no aluno, que tinha como objetivo o desenvolvimento da capacidade de ser criativo e reflexivo em uma universidade holandesa. De forma similar, Cohen (1997), em um artigo sobre a educação em Singapura, fez referência a uma pesquisa pelo Ministério de Educação daquele país, em que foi observado que muitos estudantes, embora competentes, não apresentavam pensamentos criativos. Este autor salienta que as autoridades governamentais estavam conscientes da necessidade de expandir a educação, com vistas a preparar os estudantes a serem mais inovadores.

Também Necka (1994), na Polônia e Sternberg (1991), nos Estados Unidos, assinalaram distintas características do contexto educacional detrimental ao desenvolvimento do talento criativo. Estes autores apontam também mudanças urgentemente necessárias na cultura de aprendizagem.

Necka lembra, por exemplo, que a escola típica não está preparada para alimentar a criatividade. É uma instituição conservadora por natureza. Vários princípios devem ser incorporados na prática escolar, de acordo com ele, para tornar a escola compatível com o mundo dinâmico e em permanente mudança, onde a escola deve funcionar. Um desses princípios é o da diversidade – ensinar os estudantes a abraçar idéias, abordagens e pontos de vista divergentes. Um outro é o princípio da abertura – ter tolerância por situações desconhecidas; ser receptivo ao desconhecido. Também o princípio da autoconsciência – os estudantes necessitam saber o que é bom ou mau para

sua própria criatividade, identificando as principais barreiras que dificultam a expressão de novas idéias.

Nos Estados Unidos, Sternberg (1991), dentre muitos outros pesquisadores, salientou o fato de que os professores tipicamente estruturam suas aulas de forma a não favorecer a expressão de idéias criativas. Também delineou mudanças necessárias na escola com vistas a promover melhores condições ao reconhecimento e desenvolvimento do potencial criativo.

No que diz respeito ao ensino universitário brasileiro, de forma similar ao que tem sido apontado com relação ao ensino fundamental (Alencar, 2000), distintos autores têm chamado a atenção para o pouco espaço à criatividade. Rosas (1985) lembra, por exemplo, “que é no terceiro grau onde menos se fala e pensa em criatividade. Excetuando-se as escolas e/ou departamentos de artes, parece que os demais professores têm muito mais o que fazer do que se preocupar com a imaginação, fantasia e criação” (p.122). De forma similar, Castanho (2000) ressalta que “podemos afirmar que nossas faculdades são, no geral, pouco ou nada criativas. Desenvolver a criatividade parece ser um objetivo tão simples – e é uma das características mais raras de se encontrar na maioria de nosso jovens, educados para a atitude conformista e homogênea que os sistemas escolares os condenam” (p.77). Também Alencar (1999) lembra a prevalência de uma cultura de aprendizagem que estabelece limites muito abaixo das possibilidades praticamente ilimitadas do potencial para criar do ser humano.

Alencar (1995b, 1996, 1997b) desenvolveu vários estudos com estudantes universitários, onde pôde constatar que, segundo universitários, seus professores não vêm propiciando condições favoráveis à criatividade. Em um de seus estudos, realizado com uma amostra de 428 estudantes de duas universidades, constatou-se que esta amostra, de modo geral, percebia seus professores como apresentando pouco estímulo à expressão da criatividade pessoal. Possivelmente, esta

percepção reflete o comportamento do professor em sala de aula que denota pouca criatividade. Tal resultado foi similar ao observado em estudo anterior com uma amostra de estudantes do ensino médio (Alencar, 1993), o que sugere a pouca ênfase dada à criatividade por parte dos professores. Estes estariam mais preocupados com seu papel de transmissor de informações, como Rosas (1985) já havia assinalado anteriormente. Comparando também a avaliação, por estudantes, do nível de criatividade de seus professores, seus colegas de universidade e si mesmos, Alencar (1996) constatou que os estudantes universitários avaliaram seus professores como significativamente menos criativos que eles mesmos e seus colegas de classe. Em estudo recente, com uma amostra de estudantes de Engenharia, a respeito de fatores que mais favorecem a expressão da capacidade de criar e aqueles que mais dificultam à pessoa produzir e implementar idéias novas, Alencar e Fleith (2003) observaram também que, para alguns alunos participantes do estudo, um dos elementos considerados mais inibidores à criatividade de universitários é a forma como o ensino vem sendo conduzido. Referindo-se especificamente ao curso de engenharia, os estudantes apontaram falta de oportunidade e ausência de reconhecimento à produção criativa nas disciplinas oferecidas.

Paralelamente às críticas ao sistema educacional, nota-se que muitos autores trouxeram contribuições relevantes no que diz respeito a como promover a criatividade em sala de aula. Dentre estes, destacam-se Renzulli (1992), Torrance (1992, 1995) e Cropley (1997), além de Alencar (1994, 1995a, 1995b, 2000, 2001, 2002), Fleith (2001, 2002) e Nickerson (1999). Estes autores chamam a atenção especialmente para características de um professor que promove o desenvolvimento da criatividade. Torrance, por exemplo, ao descrever este professor, caracterizou-o como aquele que respeita as perguntas e idéias dos alunos, faz perguntas provocativas, reconhece as idéias originais e ajuda o aluno a conscientizar-se do valor de

seu talento criativo. É um professor que promove nos alunos:

- Envolvimento, motivação, persistência e determinação.
- Curiosidade, espírito de aventura na exploração dos tópicos abordados.
- Independência.
- Autoconfiança.
- Impulso para experimentar e tentar tarefas difíceis.

Torrance (1995) delineou também distintos princípios para desenvolver o pensamento criativo através de experiências na escola, que incluem, entre outros: valorizar o pensamento criativo; encorajar a manipulação de objetos e idéias; ensinar o aluno a testar cada idéia de forma sistemática; expressar tolerância diante de novas idéias; desenvolver uma atmosfera criativa em sala de aula; ensinar ao aluno estratégias que o ajudem a suportar as pressões do grupo; propiciar informações sobre o processo criativo; encorajar a aquisição de conhecimentos em uma variedade de áreas.

De forma similar, Cropley (1997) chama a atenção para comportamentos típicos do professor propiciador da criatividade, como os seguintes:

- Encoraja o aluno a aprender de forma independente.
- Motiva seus alunos a dominar o conhecimento relativo a tópicos de seu interesse, de tal forma que tenham uma base sólida para propor novas idéias.
- Encoraja o pensamento flexível em seus alunos.
- Leva em conta sugestões e questões de seus alunos.
- Oferece oportunidades ao aluno para trabalhar com uma diversidade de materiais e sob diferentes condições.

- Ajuda os alunos a aprender com a frustração e fracasso, de tal forma que tenham coragem para tentar o novo e o inusitado.
- Promove a auto-avaliação pelos estudantes.

Cropley (1997) ressalta ainda que não se promove a criatividade dos alunos simplesmente expondo-os a exercícios de criatividade. O que é necessário é uma abordagem que contemple os aspectos pessoais, motivacionais, emocionais e sociais da criatividade.

Já Renzulli (1992), em seu modelo para o desenvolvimento da criatividade produtiva de pessoas jovens, propõe três componentes principais: aluno, professor e currículo, sendo o professor o componente mais importante. Renzulli chama atenção especialmente para três características deste professor, a saber: conhecimento da disciplina (domínio do conteúdo de sua área); uso de técnicas instrucionais que facilitam e encorajam a criatividade; e romance com a disciplina, ou seja, amor pelo ensino e pelo que ensina.

Também Nickerson (1999) e Fleith (2001, 2002) apresentam uma série de recomendações ao professor para fortalecer a criatividade, como as seguintes: encorajar a aquisição de conhecimentos a respeito de um domínio específico; estimular e premiar a curiosidade; encorajar a autoconfiança; oferecer oportunidade de escolhas, levando em consideração interesses e habilidades dos alunos; ensinar estratégias que facilitem a performance criativa; alimentar a motivação do aluno; variar tarefas propostas aos alunos, práticas pedagógicas e formas de avaliação; orientar o aluno a buscar informações adicionais a respeito de tópicos de seu interesse.

Alencar (2000) tem-se empenhado em chamar a atenção do professor para a necessidade de evitar práticas inibidoras ao desenvolvimento e expressão da criatividade, como, por exemplo, a de desencorajar o questionamento, não valorizar formas alternativas de resolver problemas, ter baixas expectativas com relação à capacidade do aluno de pensar idéias

novas e fortalecer o medo de cometer erros. Tem também sugerido a adoção de estratégias que favoreçam e promovam o desenvolvimento do potencial criador, como as seguintes:

- Utilizar atividades que possibilitem ao aluno exercitar seu pensamento criativo.
- Fortalecer traços de personalidade, como autoconfiança, persistência, independência de pensamento e coragem para explorar situações novas.
- Ajudar o aluno a desfazer-se de bloqueios emocionais, como medo de cometer erros, medo de ser criticado, sentimentos de inferioridade e insegurança.
- Propiciar um clima em sala de aula que reflita valores fortes de apoio à criatividade e que se traduz nos seguintes princípios:
 - Valorização da pessoa do aluno.
 - Confiança em sua capacidade e competência.
 - Apoio à expressão de novas idéias.
 - Provisão de incentivos às novas idéias.
 - Implementação de atividades que ofereçam desafios e oportunidades de atuação criativa.

Considera-se relevante equipar o professor em estratégias que possam ajudá-lo a construir uma plataforma em sala de aula para a criatividade. Isto é especialmente necessário, tendo em vista o crescente reconhecimento da criatividade como um atributo desejável no profissional para atuar em áreas diversas, bem como sua contribuição para o bem-estar emocional e saúde psicológica do indivíduo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alencar, E. M. L. S. (1993). Efeitos de um programa de treinamento de criatividade nas habilidades de pensamento criativo de estudantes do ensino médio. Em *Resumos de Comunicações Científicas. I Congresso Ibero-Americano de Psicologia Resumos* (p. 143). Madrid, Espanha.

- Alencar, E. M. L. S. (1994). Creativity in the Brazilian educational context: Two decades of research. *Gifted and Talented International*, 9, 4-7.
- Alencar, E. M. L. S. (1995a). *Criatividade* (2ª ed.). Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Alencar, E. M. L. S. (1995b). Developing creative abilities at the university level. *European Journal for High Ability*, 6, 82-90.
- Alencar, E. M. L. S. (1996). University students' evaluation of their own level of creativity and their teachers' and colleagues' level of creativity. *Gifted Education International*, 11, 128-130.
- Alencar, E. M. L. S. (1997a). Pesquisadores que se destacam por sua produção criativa: Hábitos de trabalho, escolha profissional, processo de criação e aspirações. *Cadernos de Pesquisa NEP*, 3, 11-23.
- Alencar, E. M. L. S. (1997b). O estímulo à criatividade no contexto universitário. *Psicologia Escolar e Educacional*, 1, 29-37.
- Alencar, E. M. L. S. (1998). Promovendo um ambiente favorável à criatividade nas organizações. *Revista de Administração de Empresas*, 38, 18-25.
- Alencar, E. M. L. S. (1999). Mastering creativity for education in the 21st century. Palestra proferida. *XIII Biennial Conference, World Council for Gifted and Talented Children*. Istanbul, Turquia.
- Alencar, E. M. L. S. (2000). *Como desenvolver o potencial criador* (8ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E. M. L. S. (2001). *Criatividade e a educação do superdotado*. Petrópolis: Vozes.
- Alencar, E. M. L. S. (2002). O contexto educacional e sua influência na criatividade. *Linhas Críticas*, 8, 165-178.
- Alencar, E. M. L. S. e Fleith, D. S. (2003). *Barreiras à criatividade pessoal e sua relação com fatores individuais e sociais*. [Relatório parcial]. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Processo no. 522138/96-0).
- Alencar, E. M. L. S.; Neves-Pereira, M.S.; Ribeiro, R. e Brandão, S. N. (1997). Fatores facilitadores e inibidores à produção criativa do pesquisador. *Cadernos de Psicologia*, 1, 143-152.
- Alencar, E. M. L. S.; Neves-Pereira, M. S.; Ribeiro, R. e Brandão, S. N. (1998). Personality traits of Brazilian creative scientists. *Gifted and Talented International*, 13, 14-18.
- Amabile, T. M. (1983). *The social psychology of creativity*. New York: Springer.
- Amabile, T. M. (1990). Within you, without you: The social psychology of creativity and beyond. Em M. A. Runco (Org.), *Theories of creativity* (pp. 61-91). Newberry Park: Sage.
- Amabile, T. M. (2001). Beyond talent: John Irving and the passionate craft of creativity. *American Psychologist*, 56, 333-336.
- Barron, F. (1969). *Creative person and creative process*. New York: Rinehart e Winston.
- Castanho, M. E. L. S. (2000). A criatividade na sala de aula universitária. Em I. P. Veiga e M. E. L. M. Castanho (Orgs.), *Pedagogia universitária. A aula em foco* (pp.75-89). São Paulo: Papirus.
- Cohen, D. (1997, september). Singapore wants its universities to encourage more creativity. *The Chronicle of Higher Education*, 71-72.
- Craft, A. (1998). Educator perspectives on creativity: An English study. *Journal of Creative Behavior*, 32, 244-256.
- Cropley, A. J. (1997). Fostering creativity in the classroom: General principles. Em M. A. Runco (Org.), *The creativity research handbook* (pp. 82-114). Creskill, NJ: Hampton Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1988). Society, culture and person: A systems view of creativity. Em R. J. Sternberg (Org.), *The nature of creativity* (pp. 325-339). New York: Cambridge University Press.
- Csikszentmihalyi, M. (1994). The domain of creativity. Em D. H. Feldman, M. Csikszentmihalyi e H. Gardner (Orgs.), *Changing the world. A framework for the study of creativity* (pp. 169-188). Westport, CT: Praeger.
- Csikszentmihalyi, M. (1996). *Creativity, flow and the psychology of discovery and invention*. New York: Harper Collins.
- Csikszentmihalyi, M. (1999). Implications of a system perspective for the study of creativity. Em R. J. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity* (pp. 313-338). Cambridge: Cambridge University Press.

- Fleith, D. S. (1994). Treinamento e estimulação da criatividade no contexto educacional. Em E. M. L. S. Alencar e A. M. R. Virgolim (Orgs.), *Criatividade. Expressão e desenvolvimento* (pp. 113-141). Petrópolis: Vozes.
- Fleith, D. S. (2001). Criatividade: Novos conceitos e idéias, aplicabilidade à educação. *Cadernos de Educação Especial*, 17, 55-61.
- Fleith, D. S. (2002). Ambiente educacionais que promovem a criatividade e a excelência. *Sobredotação*, 3, 27-39.
- Frost, P. J. (1995). The many facets of creativity. Em C. M. Ford e D. A. Gioia (Orgs.), *Creative action in organizations* (pp. 121-124). London: Sage.
- Furman, A. (1998). Teacher and pupil characteristics in the perception of the creativity of classroom climate. *Journal of Creative Behavior*, 32, 258-277.
- Guilford, J. P. (1967). Factors that aid and hinder creativity. Em J. C. Gowan, G. D. Demos e E. P. Torrance (Orgs.), *Creativity. Its educational implications* (pp. 106-123). New York: Wiley.
- MacKinnon, D.W. (1978). *In search of human effectiveness*. Buffalo, NY: Creative Education Foundation.
- Martindale, C. (2001). Oscillations and analogies: Thomas Young, MD, FRS, Genius. *American Psychologist*, 56, 342-345.
- Martínez, A. M. (1995). *Criatividade, personalidade e educação*. São Paulo: Papirus.
- Montuori, A. e Purser, R. E. (1995). Deconstructing the lone genius myth: Toward a contextual view of creativity. *Journal of Humanistic Psychology*, 35, 69-112.
- Nakamura, J. e Csikszentmihalyi, M. (2001). Catalytic creativity: The case of Linus Pauling. *American Psychologist*, 56, 342-345.
- Necka, E. (1994). *Teaching creativity in the classroom. General principles and some practical methods*. Comunicação apresentada. I Congresso Internacional Educação para o Futuro. São Paulo.
- Nickerson, R. S. (1999). Enhancing creativity. Em R. J. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity* (pp. 392-430). Cambridge: Cambridge University Press.
- Renzulli, J. S. (1992). A general theory for the development of creative productivity in young people. Em F. Monks e W. Peters (Orgs.), *Talent for the future* (pp. 51-72). Assen/Maastricht, The Netherlands: Van Gorcum.
- Rogers, C. R. (1969). *Freedom to learn*. Ohio: Charles e Merrill.
- Rosas, A. (1985). Universidade e criatividade. Em Associação Brasileira para Superdotados (Org.), *Anais. VII Seminário Nacional sobre Superdotados* (pp.121-124). Curitiba.
- Sternberg, R. J. (1991). *A theory of creativity*. Conferência proferida. XIV ISPA Colloquium. Braga, Portugal.
- Sternberg, R. J. e Lubart, T. I. (1995). *Defying the crowd. Cultivating creativity in a culture of conformity*. New York: The Free Press.
- Sternberg, R. J. e Lubart, T. I. (1996). Investing in creativity. *American Psychologist*, 51, 677-688.
- Tolliver, J. M. (1985). Creativity at university. *Gifted Education International*, 3, 32-35.
- Toren, K. (1993). Transformations in management education. *American Behavioral Scientist*, 37, 112-120.
- Torrance, E. P. (1965). *Rewarding creative behavior. Experiments in classroom creativity*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Torrance, E. P. (1987). Teaching for creativity. Em S. G. Isaksen (Org.), *Frontiers of creativity research. Beyond the basics* (pp. 189-215). Buffalo, NY: Bearly.
- Torrance, E. P. (1992). A national climate for creativity and invention. *Gifted Child Today*, 15, 10-14.
- Torrance, E. P. (1995). *Why fly? A philosophy of creativity*. Norwood, NJ: Ablex.
- Virgolim, A. M. R. (1994). Criatividade e saúde mental: Um desafio à escola. Em E. M. L. S. Alencar e A. M. R. Virgolim (Orgs.), *Criatividade. Expressão e desenvolvimento* (pp. 43-69). Petrópolis: Vozes.
- Wechsler, S. M. (1993). *Criatividade. Descobrendo e encorajando*. Campinas: Editorial PSY.

Recebido em: 26/10/2001

Aceito em: 29/07/2003